

LEVANTAMENTO DAS MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS PRESENTES NO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE – PB

Yuri Tomaz Neves (1); Vitória Gabriela Oliveira Bezerra Tomaz (2); Alex Pereira Cabral (3);
Joyce Natalya Caetano de Melo (4); Laércio Leal dos Santos (5)

- (1) *Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: yuutomaz@gmail.com*
(2) *Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, E-mail: vittoria.gabriela@gmail.com*
(3) *Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: alexcabralvip@hotmail.com*
(4) *Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, E-mail: joycenatalya1@gmail.com*
(5) *Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, E-mail: laercioeng@yahoo.com.br*

Resumo do artigo: O Museu Histórico de Campina Grande - PB é um patrimônio que teve sua construção iniciada em 1812 e sua inauguração em 1814, sendo a segunda edificação mais antiga do município. Nesse local funcionaram diversas repartições públicas como a primeira cadeia do município, a casa da câmara e por último o telegrapho nacional, frase que ainda hoje se encontra estampada no topo do prédio. Tendo em vista que a última vez que o prédio passou por reforma foi em novembro de 2006 e que se trata de um relevante patrimônio histórico para o município, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento da atual situação das manifestações patológicas presentes em sua estrutura. Os dados foram coletados através de uma visita técnica, onde além de perguntas ao responsável, utilizou-se uma máquina fotográfica para registrar os diversos problemas. Como resultado foi possível constatar a presença de: infiltrações; mofo; empolamento da pintura; fissuras. Além disso, foi possível citar o que, possivelmente, estava ocasionando esses problemas, como também indicar algumas alternativas de intervenção. Através dos resultados obtidos verificou-se a importância de uma reforma imediata na edificação, realizada de tal maneira que preserve as suas referências culturais e remonte as suas características tradicionais e intrínsecas, buscando não só a sua restauração, como também segurança e conforto das pessoas que circulam em seu interior.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico, Manifestações Patológicas, Restauração.

INTRODUÇÃO

A expressão patrimônio histórico se refere a um bem destinado a utilização de uma comunidade que ampliou as dimensões planetárias, formada pela acumulação contínua de vários objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos. Além disso, o termo patrimônio histórico deve remeter a algo além da mera coleção estática de objetos, documentos e edificações, visto estar embasada em processos sociais mais amplos, envolvendo até mesmo a concepção de história e a antropologia (CHOAY, 2001).

No entanto a tendência natural do homem moderno é olhar com desdém as antigas edificações, vendo elas como obras ultrapassadas e desatualizadas, que devem ser demolidas, cedendo lugar a edificações mais arrojadas e modernas, mais úteis ao desenvolvimento da cidade. Esse tipo de pensamento impacta diretamente a ideia de preservação, de valorização do patrimônio como herança histórica a ser preservada. O cuidado com os bens patrimoniais visa resguardar a memória, dando importância ao contexto e às relações sociais existentes em qualquer ambiente. Não é possível preservar a memória de um povo sem, ao mesmo tempo, preservar os espaços por ele utilizados e as manifestações quotidianas de seu viver (TOMAZ, 2010).

No Brasil, o termo patrimônio histórico só veio ter incremento jurídico na constituição de 1934, artigo 10. Esse documento tinha como finalidade responsabilizar o poder público pela preservação dos monumentos de valor histórico ou artístico de importância nacional. No entanto, foi com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, do presidente Getúlio Vargas, que se teve a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tendo-se assim uma regulamentação adequada de proteção dos bens culturais no Brasil (TOMAZ, 2010).

Nos anos seguintes à organização do SPHAN, até o final da década de 1970, as políticas de preservação do patrimônio no Brasil eram voltadas apenas a preservação de bens imóveis, tendo uma perspectiva predominantemente estética. Nada obstante, esse conceito foi repensado, surgindo assim a possibilidade de tombamento não só de bens de natureza material, mas igualmente de bens de natureza imaterial, conforme dispõe o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 (TOMAZ, 2010).

Dentre os diversos patrimônios históricos presentes no Brasil, tem-se o Museu Histórico do município de Campina Grande - PB. Essa edificação teve sua construção iniciada em 1812 e sua inauguração em 1814, sendo a segunda edificação mais antiga da cidade. Nesse local funcionaram

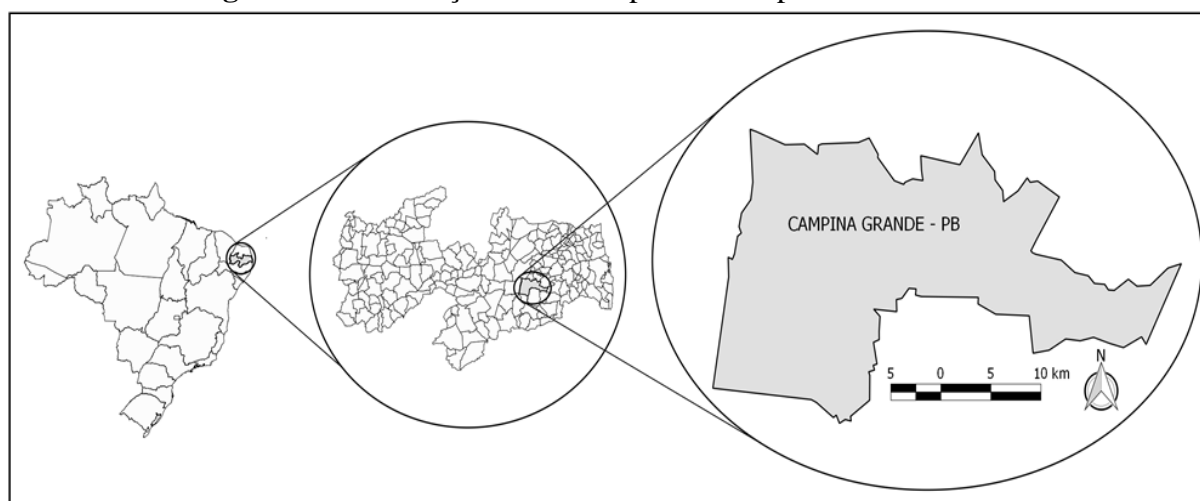
diversas repartições públicas como a primeira cadeia do município, a casa da câmara e por último o telegrapho nacional, frase que ainda hoje se encontra estampada no topo do prédio.

Tendo em vista que a última vez que o prédio passou por reforma foi em novembro de 2006 e que se trata de um relevante patrimônio histórico para o município, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento da atual situação das manifestações patológicas presentes em sua estrutura.

METODOLOGIA

O município de Campina Grande – PB está localizado na mesorregião do agreste Paraibano e na unidade geoambiental do Planalto da Borborema (Figura 1). O município possui uma área de 593,026 km², com uma população estimada para o ano de 2016 de 407.754 habitantes e um índice de desenvolvimento humano de 0,720 (IBGE, 2016). O clima é do tipo tropical chuvoso, com verão seco, sendo a sua precipitação média mensal da ordem de 67 mm e sua máxima precipitação mensal de 129 mm, que ocorre no mês de abril (BDCLIMA, 2016). A vegetação é formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica, e sua área é recortada por rios perenes, porém com pequena vazão, apresentando também baixo potencial de água subterrânea (CPRM, 2005).

Figura 1 - Localização do município de Campina Grande – PB.



O Museu Histórico de Campina Grande – PB (Figura 2) está localizado no centro do município (Figura 3), possuindo sua fachada frontal direcionada para a Avenida Marechal Floreano Peixoto e comércio em seus arredores.

Figura 2 - Museu Histórico de Campina Grande – PB.



Figura 3 - Localização do Museu Histórico de Campina Grande – PB.



Fonte - GOOGLE EARTH, 2016.

Para realização do estudo foi efetuada uma visita técnica onde além de perguntas ao responsável, utilizou-se uma máquina fotográfica para registrar problemas presentes na edificação. Vale a ressalva que no dia da visita tinha acabado de chover no local.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, serão apresentadas imagens com as manifestações patológicas existentes na edificação.

Figura 4 – Presença de Mofo.



Figura 5 - Empolamento da pintura.



Figura 6 – Infiltrações.



Figura 7 – Fissuras nas estruturas.



Figura 8 – Parte externa da edificação com fissuras e infiltrações.



Analisando as figuras acima verifica-se que, provavelmente, todos os problemas estão sendo ocasionados por infiltrações.

Para as fissuras, tem-se o problema da umidade higroscópica. De acordo com Thomaz (1996) as mudanças higroscópicas provocam variações dimensionais nos materiais porosos que integram os elementos componentes da construção. O aumento do teor de umidade produz uma expansão do material enquanto que a diminuição desse teor provoca uma contração. No caso da existência de vínculos que impeçam ou restrinjam essas movimentações poderão ocorrer fissuras nos elementos e componentes do sistema construtivo.

No que tange a presença de mofo, Alucci et al., (1988) afirmam que o seu crescimento está diretamente ligado a presença de umidade, onde normalmente ocorre devido a infiltrações ou vazamentos de tubulações.

Para com os empolamentos na pintura, segundo Cincotto (1988), as causas prováveis compreendem a infiltração e a existência de cal parcialmente hidratada na argamassa que, ao se extinguir depois de aplicada, aumenta de volume e se expande. O óxido de magnésio da cal tem hidratação muito lenta e caso não tenham sido tomados os devidos cuidados, a expansão e o empolamento podem surgir após meses de execução do revestimento (BAUER, 1997).

Com relação as infiltrações no local, verificou-se que além da edificação possuir problemas na cobertura, ela estava sofrendo com o vazamento de uma tubulação que é responsável pela drenagem das águas pluviais captadas em sua cobertura. Essa tubulação estava embutida na parede da edificação.

Todos os problemas encontrados na edificação, estavam presentes em mais de três ambientes. Como intervenção, propõe-se o seguinte:

Tabela 1 – Alternativas de intervenção.

Problema	Alternativa de Intervenção
Mofos	Limpeza da superfície com uso de escovas e produtos à base de cloro; Secagem da superfície; Eliminação da infiltração de umidade.
Fissuras	Renovação completa do revestimento; Estabilização dos níveis de umidade com atuação direta através de limpeza periódica.
Empolamentos	Renovação da camada de reboco; Renovação da pintura; Eliminação da infiltração de umidade.
Infiltração	Análise rigorosa da cobertura; Trocar/reparar a tubulação de drenagem de águas pluviais da edificação.

Não foi possível ter acesso a cobertura da edificação, por esse motivo, para o problema da infiltração, recomenda-se analisá-la rigorosamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do apresentado é possível constatar que os problemas levantados estão alterando a estética do patrimônio e causando desconforto aos seus visitantes, quando deveria apresentar características convidativas, já que se trata de um Museu Histórico.

Além disso, verifica-se que as fissuras existentes na edificação, se não tratadas, no longo prazo podem dar origem a corrosão do aço das armaduras e essa corrosão pode vir a reduzir a capacidade resistente da estrutura.

Nesse sentido, verifica-se a importância de uma reforma imediata na edificação, realizada de tal maneira que preserve as suas referências culturais e remonte as suas características tradicionais e intrínsecas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALUCCI, M. P., FLAUZINO, W. D., MILANO, S. **Bolor em edifícios: causas e recomendações.**

Tecnologia de Edificações, São Paulo. Pini, IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, Coletânea de trabalhos da Div. de Edificações do IPT. 1988. p.565-70.

BAUER, R.J.F. **Patologia em revestimentos de argamassa inorgânica.** In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DAS ARGAMASSAS, 2., 1997, Salvador. Anais... Salvador: CETA/ANTAC, 1997. p. 321 – 333.

BDCLIMA, Banco de Dados Climáticos do Brasil. Disponível em: <http://www.bdclima.cnpm.embrapa.br>. Acesso em: 26 de outubro de 2016.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**, 1.ed, 2001, 304p.

CINCOTTO, M.A. **Patologia das argamassas de revestimento: análise e recomendações.** In: Tecnologia de edificações. São Paulo: Pini, 1988. p. 549 – 554.

CPRM, Serviço Geológico do Brasil. Ministério de Minas e Energia. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, Estado da Paraíba: Diagnostico do município de Campina Grande – PB**, 2005, 20p.

GOOGLE EARTH, Website. Disponível em: <http://earth.google.com>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 de outubro de 2016.

THOMAZ, Ercio. **Trincas em Edifícios - Causas, Prevenção e Recuperação.** São Paulo: Pini, 2002. 194 p.

TOMAZ, P. **A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil**, Vol.7, 2010, 12p.